

As diversas mídias e o uso do celular na sala de aula¹

Ângela Cristina Loureiro Junquer²

Elizena Durvalina de Souza Cortez³

Resumo

O trabalho se identifica com a pesquisa da história da escrita, sua evolução, a leitura de diferentes mídias e os novos espaços de comunicação. A proposta tem como objetivo mostrar a acessibilidade ao uso do celular em sala de aula como forma de ampliar o universo cultural e permitir um novo olhar para esse suporte de comunicação, proporcionando mudanças atitudinais nos alunos. Estabelece também as relações entre cultura do passado e do presente, a fim de compreender os vários suportes textuais ao longo da história, até o acesso às atuais fontes de informação no cotidiano escolar.

Palavras-chave

Sala de aula; celular; suportes tecnológicos.

Abstract

This work is related to the research of history of writing, its evolution, the reading of different supports and new ways of communication. The aim is to show the accessibility to deal with cell phones in the classrooms, in order to expand the cultural background and to produce a new approach on this communication tool, providing personal changes in the students. Also, compose the relations between the past culture and the present one, aiming to comprehend the multiple textual supports through history until the current stage, marked by the access to the actual sources of information available in schools.

Keywords

Classroom; cell phone; technological supports.

Histórico do uso do celular

O século XXI está marcado pelo uso de uma nova tecnologia eletrônica que se materializa no celular. A mais importante repercussão dessa nova tecnologia no âmbito socioeducacional pode ser observada pela utilização desse suporte comunicacional pelos jovens alunos.

Desde 1973, quando foi lançado o primeiro telefone celular nos Estados Unidos, esse instrumento tecnológico foi se desenvolvendo com o objetivo de superar dificuldades, pois a necessidade foi o fator determinante para as grandes invenções tecnológicas. Na época, ele apresentava um formato bem maior, pesava três vezes mais do que os celulares modernos e tinha uma área de abrangência muito restrita, além de ser analógico e não digital. Só em 1983 é que chegaria ao mercado o primeiro modelo comercialmente viável, o Dyna TAC 8000x, da Motorola, pesando apenas 794,16 gramas. Os aparelhos atuais são pequenos, leves, têm baterias duradouras, funcionam em quase todos os lugares e há muito deixaram de exercer apenas a função de telefone. Atualmente são considerados verdadeiras centrais multimídias computadorizadas, nos quais se pode telefonar, ouvir música (rádio, MP3), assistir a programas de TV, tirar fotos, fazer filmes, gravar voz, jogar videogame, mandar e receber *e-mails* ou arquivos e acessar a internet, dentre outras muitas funções.

Segundo Marisa Vorraber Costa, que analisa o livro de Neil Postman, *O desaparecimento da infância*, hoje o universo infantil

1 Este texto resulta da oficina de mesmo nome ocorrida no V Seminário Nacional O Professor e a Leitura do Jornal, ocorrido em julho de 2010 na Unicamp.

2 Professora da Escola Estadual Gustavo Marcondes, Campinas. *E-mail*: aljunquer@hotmail.com

3 Professora do Colégio Notre Dame, Campinas. *E-mail*: elizenacortez@hotmail.com

repercute os movimentos da multimídia e provoca um cenário que abrevia a infância, sendo essa absorvida e reinventada pela geração Y (pessoas nascidas entre 1980 e 2000, nativos do mundo digital) e Z (nascidos depois de 2000), que absorvem os recursos supracitados, o que é comprovado pela análise do livro de Postman:

hoje, as novas tecnologias que possibilitam a comunicação instantânea centrada nas imagens em movimento estariam instaurando novas formas de vida e novos contornos do que chamamos de humanidade. Desenvolvendo a hipótese de que os mundos social e simbólico estão subordinados às tecnologias e de que delas emergem formas de viver e estar no mundo [...], o autor procura demonstrar que a informação eletrônica estaria erodindo as fronteiras tão bem demarcadas entre adultos e crianças [...]. (COSTA, 2009, p. 206-207)

No Brasil e em Portugal, os dados nos têm mostrado que os telefones celulares se inserem na revolução cultural que estamos vivendo no século XXI. Os jovens têm encontrado no uso desses aparelhos um espaço de independência do mundo adulto, que acelera uma pretensa maioridade, independente da sua classe social e da variedade de modelos desse suporte, uma vez que todas as classes sociais portam celulares, dos mais simples aos mais sofisticados e tecnologicamente avançados. A finalidade justificada para a sua grande utilização é a de que o contato entre pais e filhos requer mais cuidado, atenção e proximidade no cotidiano. E a maior parte dos jovens diz que não pode deixar de valer-se desse instrumento de comunicação tecnológica, uma vez que seu uso é a melhor forma de ter e manter amigos com os quais estabelecem relações que se caracterizam pela troca de conselhos, desabafos, ideias, informações do momento que estão vivendo. Usam também como artifício para as atividades próprias de cada faixa etária, pois resguardam-se de qualquer interferência dos adultos.

Essas questões devem ser repensadas e analisadas não só pelos educadores, mas por todos nós que vivemos no século XXI e que formamos a geração de imigrantes digitais, pessoas da geração Baby Boom (nascidas antes da década de 1960) ou da geração X (nascidas entre 1960 e 1980). Temos por compromisso e responsabilidade levar os jovens alunos a utilizar com mais seriedade esses novos suportes midiáticos que refletem o nosso tempo.

Os desafios da utilização do celular na escola

Hoje, a maior dificuldade é lidar com o novo. Devemos ter um outro olhar sobre o trabalho que desenvolvemos em sala de aula, pois o desafio é usar novas tecnologias, incluindo o celular. Impedir o aluno de utilizar-se desses novos dispositivos eletrônicos é negar a vida neste século.

O uso desse instrumento tecnológico como suporte em nossas aulas acrescenta uma nova forma de interagir com os nossos educandos, uma vez que ficam horas sentados em sala de aula, vendo apenas o quadro-negro e o giz e ouvindo somente a voz do professor. Ao afastarem-se do ambiente escolar, deparam-se com as outras possibilidades comunicacionais, que fazem, realmente, parte de seu cotidiano, dando-lhes maiores mobilidade e interação com outras ferramentas tecnológicas.

O projeto de lei do deputado Orlando Morando, de 28 de agosto de 2009, aprovado na Assembleia Legislativa de São Paulo, proíbe o uso do celular na sala de aula, dificultando a utilização desse recurso tecnológico pelos professores que pretendem usar esse suporte em sua prática docente:

Lei n. 12.730, de 11 de outubro de 2007

Proíbe o uso do telefone celular nos estabelecimentos de ensino do Estado, durante o horário de aula.

O governador do estado de São Paulo:

Faço saber que a Assembleia Legislativa decreta e eu promulgo a seguinte lei:
Artigo 1º – Ficam os alunos proibidos de utilizar telefone celular nos estabelecimentos de ensino do Estado, durante o horário das aulas.

Artigo 2º – O Poder Executivo regulamentará esta lei no prazo de 90 (noventa) dias contados da data de sua publicação.

Artigo 3º – Esta lei entra em vigor na data de sua publicação. (SÃO PAULO, 2007).

Será que impedir o uso do celular ou de outras mídias torna a escola mais atrativa e interessante? Os alunos tornar-se-ão mais disciplinados, mais educados, sem a utilização de artefatos tecnológicos em sala de aula?

A escola serve, entre outras coisas, para ajudar na formação ética e moral de seus alunos, e isso não se faz com imposição, omissão ou

simples proibição. Ética e valores são conteúdos transdisciplinares, que devem estar presentes sempre, inclusive ao lidarmos com as novas tecnologias.

Propor um trabalho pedagógico com o celular na escola, o que seria ousadia diante da aprovação do projeto de lei supracitado, prevê o uso do celular de forma ética e integrada ao projeto pedagógico da escola. Mas devemos discutir os limites e as regras para seu uso de forma adequada, uma vez que a previsão feita por especialistas em educação e tecnologia – de diversos países, inclusive o Brasil – aponta a sua utilização como uma das ferramentas pedagógicas de comunicação do futuro. Ele deverá ser usado na maioria das salas de aula, dentro de dois a três anos. Mais que uma ferramenta de comunicação, o celular torna-se uma plataforma móvel de internet, que ainda permite filmar e fotografar.

Os professores continuam muito conservadores, ficam apreensivos por entender menos de tecnologia do que os alunos. Portanto, há necessidade de que os educadores percamos a insegurança ao lidar com os novos suportes tecnológicos e se atualizem, buscando interagir com o aluno, tornando-o parceiro nesse trabalho, o que elevará a autoestima dos educadores.

Utilizar o celular em sala traz uma grande motivação para os alunos e aumenta interesse sobre os conteúdos desenvolvidos. As aulas trabalhadas com diferentes mídias enriquecem os temas propostos nos guias curriculares e aproximam ainda mais o cotidiano social do escolar. O aluno, que nasceu nesse amplo cenário midiático e o utiliza em sua vivência, deve e pode transpô-lo para o ambiente escolar, a fim de enriquecer sua vida acadêmica

Além de estimular o jovem na aquisição de conhecimento, o uso de diferentes mídias incentiva a prática da leitura e é um campo vasto e alentador. Os alunos, de meros ouvintes e leitores passivos de textos, que muitas vezes não traduzem as aspirações e os desejos dos jovens de hoje, passam, com a utilização de outros suportes tecnológicos textuais, a ler um novo significado.

De simples ouvintes, os alunos passam a locutores num espaço dialógico em sala de aula, promovendo a interação verbal e tendo o direito de utilizar outros suportes para sistematizar sua aprendizagem e intensificar sua prática de leitura.

Já no século XVIII havia a preocupação de colocar a leitura em diversos suportes para a circulação de manuscritos e impressos, com o objetivo de atingir um maior número de leitores.

Daniel Roche, ao analisar as práticas de leitura nas cidades francesas do século XVIII, considera ser esse um universo cultural exercido precariamente por poucos, numa época em que ler representava *status* e ascensão social:

O fato de se ler deve ser reposto num conjunto onde intervêm outras formas de leitura num espetáculo cultural em que mergulham mais ou menos todos os cidadãos e que abre o caminho para os leitores habituais do livro. Mas o impresso não tem o mesmo papel para todos e as formas mistas permanecem muito numerosas, propícias à circulação entre o oral e o lido, o visual e a comunicação multiplicada. (ROCHE, 2001, p. 191).

Se havia a preocupação, no século XVIII, de ampliar o universo da leitura, hoje temos que reforçar essa ideia, levando para a sala de aula diferentes suportes textuais, que são manuseados no cotidiano dos alunos e que podem abrir um novo espaço, gerando outro olhar sobre a prática da leitura. O ato de ler passa a ter um novo significado, e leva o aluno a decifrar, a interpretar, a compreender a leitura feita, passando a reconhecer o texto como uma estrutura dotada de significado.

Portanto, modificar a comunicação e dar voz ao aluno implicam modificar fundamentos de todo um sistema de ensino, e não dar significado somente ao que se passa no interior da sala de aula. É essencial repensar o sistema educacional, aproximá-lo do cotidiano escolar e levar o aluno a relacionar os seus dois mundos, ou seja, o que ele vive dentro e o que vive fora da escola. O professor precisa ser estimulado a ter mais autonomia criativa na sala de aula e a não ser só um ouvinte de códigos e sistemas educacionais.

Além disso, o uso do celular propicia a discussão de diversos temas fora do âmbito escolar, pois o professor tem um papel fundamental de mediação entre a escola e a família em relação à mídia. A correta utilização, na sala de aula, de suportes tecnológicos pode proporcionar a discussão de diversos temas como família, ética, inclusão e outros. Dessa forma, a escola pode promover a articulação desses valores e reforçá-los com seus alunos, para que tenha-

mos jovens não só bem informados, mas também com atitudes éticas em seu cotidiano, pois, segundo Marco Silva, há a necessidade de movimento contínuo dos educadores em proporcionar aos educandos uma capacitação para atuar no concorrido mercado de trabalho:

É nesse sentido que o papel do professor na escola vem modificando-se nas últimas décadas. Cada vez mais ele executa funções ligadas à distribuição do saber-produto. Ele passa de uma condição mais favorável à formação do indivíduo para outra onde opera no sentido de equipar os alunos para a concorrência no mercado de trabalho. (SILVA, 2010, p. 92-93).

A prática das novas mídias em sala de aula

Ao propor esse desafio de utilizar o celular em sala de aula, procuramos também relacioná-lo ao aspecto comunicacional do homem desde os tempos da caverna até os nossos dias, referindo-o, principalmente, ao evento que se tornaria o grande catalisador de atenções no primeiro semestre de 2010: a Copa do Mundo de Futebol na África do Sul.

Elaboramos, então, um projeto interdisciplinar de português e geografia, começando a falar da comunicação do homem desde a época pré-histórica – como ele se comunicava pela arte rupestre nas cavernas, a escrita cuneiforme – até os dias atuais, em que o celular está presente em quase todas as situações de comunicação.

A disciplina de português trabalhou a história da escrita: como o homem se comunicava na Pré-História por gestos, sinais, marcas e desenhos, utilizando-se da escrita pictográfica, até chegar à escrita fonética, função natural da escrita, que é interpretar a língua falada. A seguir, os alunos fizeram uma atividade com *torpedos* (mensagens instantâneas), uma nova forma de escrita, um novo gênero com características próprias – ideia já mencionada em entrevista por Chartier:

Não se pode dizer, portanto, que estejamos assistindo ao desaparecimento da cultura escrita. O problema é qual cultura escrita persiste. É difícil entender a articulação sempre instável entre as novas formas culturais, as novas preferências dos jovens e o que se mantém como uma referência

fundamental. O fato de que os textos lidos pelos adolescentes no computador, suas leituras prediletas, não pertençam àquele repertório definido como literário não é necessariamente algo ruim. O problema está numa certa discrepância entre essa nova cultura e os modelos de referência que, a nosso ver, seriam mais consistentes e forneceriam mais recursos para a compreensão do mundo social, a compreensão de si mesmo e a representação do outro. (CHARTIER, 2004).

Utilizando essa nova forma de escrita, os alunos digitavam nos seus celulares respostas para questões anteriormente elaboradas como: “Para que usar o celular?”, “Por que é importante ter celular?”. Aproveitando as respostas digitadas, trabalhamos os diferentes níveis de linguagem. A do celular, por ser considerada coloquial e rápida, admite o uso de abreviaturas, a ausência de pontuação e as gírias. Essa linguagem é diferente da língua padrão, formal, escolarizada, adequada a determinadas situações sociais, o que não é o caso da linguagem usada com o celular.

Para o desenvolvimento desse trabalho, foi necessário abordar considerações sobre a noção de texto. O texto é produzido num dado tempo e num determinado espaço por um sujeito que pertence a um grupo social e expõe em seus textos as ideias, os anseios, os temores, as expectativas desse tempo e desse grupo social.

Todo texto tem um caráter histórico, não no sentido de que narra fatos históricos, mas no sentido de que revela os ideais e as concepções de um grupo social numa determinada época. Cada período histórico coloca para os homens certos problemas, e os textos pronunciam-se sobre eles. Nesse cenário, o celular e a internet são hoje os suportes tecnológicos para produção de mensagens nos diversos grupos sociais, e a língua escrita manifesta-se tanto em textos que circulam na internet quanto naqueles veiculados na mídia impressa e falada.

A nossa cultura escrita está se modificando por causa da praticidade e da rapidez proporcionadas pela tecnologia. As formas de registro da escrita ampliam a utilização de abreviações, poucas letras, muitos símbolos, palavras-chave. Essa linguagem caracterizada por essa forma de escrita ultrapassa as telas dos computadores e dos telefones celulares. Um estudo feito por Fernanda Castro e

Lodenir Karnopp (2006) sobre o uso da linguagem característica da internet na escola constatou que os alunos têm consciência de que a língua é passível de diversos usos; de que quem constrói a língua são os usuários; de que as normas, por mais rígidas ou flexíveis, estão por toda parte e devem ser seguidas para que sejamos aceitos em determinados grupos. Essas novas formas de uso da língua, tanto escrita quanto falada, contextualizam os diferentes e possíveis usos da linguagem. A língua, por ser dinâmica, está sujeita a modificações, principalmente aquela que tem contato com o avanço das estruturas tecnológicas, mas a hipótese mais distante no estudo desses autores é justamente a de que os usos da norma-padrão venham a desaparecer.

O uso da linguagem característica da internet deve ser valorizado, pois se trata de uma linguagem surgida a partir das transformações da própria língua no ambiente digital, e que tem feito que os jovens de hoje ampliem suas práticas de escrita e leitura. Eles procuram aproximar-se de seus interlocutores com maior rapidez durante suas comunicações por meio da tecnologia e da facilidade do acesso aos computadores. Dentro desse contexto da comunicação instantânea, no qual as pessoas conversam muito por meio de mensagens via celular, o uso de abreviações é um expediente muito comum para facilitar e tornar a comunicação mais ágil. Escrever dessa forma na internet ou no celular não é considerado um problema, mas é necessário saber separar o que escrevemos para um grupo de amigos na internet do que escrevemos em documentos oficiais. Os alunos devem, portanto, ser conscientizados, pelos pais e pelos professores, dos ambientes adequados para o uso dessa nova linguagem, sabendo distinguir o momento certo em que o uso da língua pede a grafia tradicional ou a linguagem peculiar da internet.

Na disciplina de geografia, os alunos trabalharam com o celular relacionando-o aos conteúdos de localização espacial e geográfica inseridos no tema fusos horários. Como o projeto se referia também à Copa do Mundo de Futebol, eles utilizaram a relação dos países que participaram desse evento para fazer o trabalho proposto sobre fusos horários, o que gerou atividades bem diversificadas, pois os países integrantes desse evento eram de continentes e hemisférios diferentes. Além dessas atividades, procuramos dar ênfase ao uso comunicacio-

nal do celular em nosso cotidiano e ao modo como ele facilitou as comunicações. Propusemos uma reflexão mais consciente e responsável de seu uso. Os alunos relacionaram também a utilização do celular ao avanço da tecnologia, às comunicações via satélite e à maneira como o homem contemporâneo se utiliza desse recurso para sobreviver diante de tantas atividades que lhe são propostas.

Essa bagagem tecnológica que o aluno traz para a escola deve ser considerada, já que ele passa a maior parte de seu tempo navegando na internet, usando MP3 e iPods, falando no celular, obtendo informações por todos esses suportes.

Dessa maneira, a ideia de mediação de Vygotsky (2007) vem confirmar essa proposta de trabalho, que leva o aluno a ter contato com a ideia da compreensão e suas concepções sobre o desenvolvimento humano como processo sócio-histórico.

Artigos publicados em diversos sites citam a teoria da mediação de Vygotsky e abordam o desenvolvimento humano como processo sócio-histórico e a necessidade da compreensão do homem enquanto sujeito do conhecimento:

[...] enquanto sujeito do conhecimento o homem não tem acesso direto aos objetos, mas acesso mediado, através de recortes do real, operados pelos sistemas simbólicos de que dispõe, portanto, enfatiza a construção do conhecimento como uma interação mediada por várias relações, ou seja, o conhecimento não está sendo visto como uma ação do sujeito sobre a realidade, assim como no construtivismo, e sim pela mediação feita por outros sujeitos. O outro social pode apresentar-se por meio de objetos, da organização do ambiente, do mundo cultural que rodeia o indivíduo. (CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE UFCG, [s.d.]).

As aulas de geografia trabalhadas com a inserção de vários suportes midiáticos, como computadores, internet, lousa digital e celular, refletem, além de uma visão construtivista de ensino, um recorte do real. Para muitos professores, o que vale ainda é a prática instituída, tradicional, em que prevalece a reprodução de conteúdos considerados inquestionáveis, fechados em si mesmos; o verbalismo; a memorização. Buscamos, então, uma prática interativa, com a participação efetiva dos alunos e seus conhecimentos tecnológicos, em função de uma aprendizagem mais significativa.

De acordo com Lana de Souza Cavalcanti, no que se refere à necessidade de uma interação mais ativa dos alunos com os conteúdos curriculares e o meio externo, as

ações devem pôr o aluno, sujeito do processo, em atividade diante do meio externo, o qual deve ser inserido no processo como objeto de conhecimento, ou seja, o aluno deve ter com esse meio (que são os conteúdos escolares) uma relação ativa, uma espécie de desafio que o leva a um desejo de conhecê-lo. (CAVALCANTI, 2008, p. 14).

Hoje não podemos deixar de considerar a “cultura geográfica” dos alunos. No cotidiano, eles constroem conhecimentos geográficos que deverão ser confrontados com o saber geográfico mais sistematizado. Ampliar esses conhecimentos e levar os alunos a socializar suas dúvidas, por meio de diferentes práticas inseridas em sala de aula, reflete a “cultura escolar”, que pode ser entendida como uma seleção do repertório cultural da humanidade, levando-se em conta os comportamentos desenvolvidos no cotidiano da escola, seus ritmos, sua linguagem, suas práticas.

Considerando, portanto, a teoria de Vygotsky abordada por Roseli Fontana, as origens e explicações do funcionamento psicológico do homem devem ser buscadas nas interações sociais:

é aí que o indivíduo tem acesso aos instrumentos e aos sistemas de signos que possibilitam o desenvolvimento de formas culturais de atividade e permitem estruturar a realidade e o próprio pensamento. (FONTANA, 1997, p. 61).

E, nesse sentido, nesta época de perspectivas múltiplas, é que a geografia trabalha com o desafio de levar os alunos a participarem ativamente da construção do saber, o que lhes permite, pela compreensão e pela reconstrução do espaço em que vivem, participar a cada momento da história.

Considerações finais

A escola pode ampliar o conceito de leitura para as novas mídias, que incluem leitura escrita, visual, audiovisual, hipertextual e mul-

timidiática. Alfabetizar-se não consiste em se conscientizar apenas dos códigos da língua falada e escrita, mas também dos códigos de todas as linguagens do homem atual e da sua interação com o meio em que vive.

A escola deve ser também uma instituição fomentadora de leitura, que viabilize a participação do aluno como leitor, que busque posições firmes e, ao mesmo tempo, se mostre disposta a debatê-las e transformá-las. Ela deve garantir ao aluno a possibilidade de utilizar novos recursos tecnológicos inseridos em seu cotidiano; deve também buscar o que é recorrente e que sentido faz dela uma prática, uma vez que são as práticas que marcam a diferença social e cultural, e não o objeto em si. Essa preocupação com a leitura é antiga, pensar que o passado era necessariamente melhor é um engano; hoje, lemos mais do que nos anos 1950, inclusive porque as novas tecnologias não são veículos apenas para imagens ou jogos, mas são responsáveis também pela inserção do jovem nesse novo contexto de leitura.

A escola precisa adequar-se para tornar-se atrativa e interessante e não se manter presa a lugares e tempos determinados: salas de aula, calendário escolar, grade curricular, modelos pedagógicos centrados no professor. Nas escolas, em todos os níveis, predomina a *mesmice*, com um verniz de modernidade.

Há necessidade de o professor diminuir o seu papel de informador de conteúdo e organizar projetos que incorporem outros suportes de leitura, que acompanhem a necessidade de formar leitores mais ativos, num mundo em que a leitura de diversos gêneros se faz tão necessária.

É difícil entender a articulação sempre instável entre as novas formas culturais, as novas preferências dos jovens e o que se mantém como uma referência fundamental. O fato de que os textos lidos pelos adolescentes no computador [...] ou em outros suportes textuais da atualidade não pertençam àquele repertório definido como literário não é necessariamente algo ruim. O problema está numa certa discrepância entre essa nova cultura e os modelos de referência (CHARTIER, 2004).

A nosso ver, esses modelos de referência deveriam estar integrados para não dissociar o jovem do seu contexto social e escolar.

Inês Barbosa de Oliveira, referindo-se às táticas e estratégias de Certeau como novas possibilidades de compreensão das múltiplas realidades escolares, afirma que

inúmeras têm sido as invenções cotidianas, que alteram as propostas curriculares, redesenham as relações professor-aluno e enredam valores, saberes e possibilidades de intervenção, experiências e criação, potencializando aprendizagens de conteúdos, comportamentos e valores, para além do previsto e do suposto oficialmente. (OLIVEIRA, 2002, p. 45).

Referências bibliográficas

- BURKE, P. *O que é história cultural?*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CASTRO, F.; KARNOPP, L. O “internetês” na escola. *A página da educação*, ano 15, n. 162, p. 7, dez. 2006. Disponível em: <<http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=162&doc=11971&mid=2>>. Acesso em: 1º fev. 2011
- CAVALCANTI, L. S. Prefácio. In: VESENTINI, J.; VLACH, V. *Geografia crítica*. São Paulo: Ática, 2008.
- CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE UFCG. Vygotsky. *Psicologia e Educação*, [s.d.]. Disponível em: <<http://psicologiaufcg.wordpress.com/conteudos/vygotsky>>. Acesso em: 4 fev. 2011.
- CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- _____. *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- _____. Conversa com Roger Chartier (entrevista a Isabel Lustosa). *Trópico*, 2004. Disponível em: <<http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/2479,1.shl>>. Acesso em: 7 jun. 2008.
- COSTA, M. V. (Org.). *A educação na cultura da mídia e do consumo*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- FONTANA, R. *Psicologia e trabalho pedagógico*. São Paulo: Atual, 1997.
- HERNANDEZ, F.; VENTURA, M. *A organização do currículo por projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- OLIVEIRA, I. B. “Certeau e as artes de fazer: as noções de uso, tática e trajetória”. In: OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. (Org.). *Pesquisa no/do cotidiano das escolas sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 45.
- ROCHE, Daniel. “As práticas da escrita nas cidades francesas do século XVIII.” In: CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- SÃO PAULO (Estado). Lei nº 12.730, de 11 de outubro de 2007. Proíbe o uso do telefone celular nos estabelecimentos de ensino do Estado, durante o horário de aula. São Paulo, 2007.
- SILVA, M. *Sala de aula interativa*. São Paulo: Loyola, 2010.
- VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Sites consultados

- EDUCAREDE. Disponível em: <<http://www.educarede.org.br/educa/index.cfm>>.
- DIA A DIA EDUCAÇÃO – portal educacional do estado do Paraná. Disponível em: <<http://www.pedagogia.seed.pr.gov.br/modules/conteudo>>.
- TEORIA DA HISTÓRIA. Disponível em: <<http://teoriahistoria.blogspot.com/2009/05/entrevista-com-roger-chartier.html>>.
- Recebido em setembro de 2010 e aceito em janeiro de 2011.